





cultural factors that contribute to the fear of facing death and care palliative. It is necessary to build in the curriculum of health courses, disciplines that address the theme of death and palliative care in order to qualify this student, making it safer and encouraged for clinical practice with the palliative patient, as well as care for the patient's family member. As well as the elaboration of campaigns and lectures that educate the population about the subject in order to demystify the fears about the subject so that they have an educated population capable of putting their knowledge into practice if they are faced with a family member in palliative care.

**Keywords:** Palliative care; Palliative care; Nursing.

## INTRODUÇÃO

Cuidados paliativos (CP) são cuidados proporcionados de forma integral e ativa à pessoa com doença grave e progressiva que tem a continuidade da vida prejudicada pelo agravo. A assistência paliativa (AP) promove a qualidade de vida do paciente e de seus familiares visando a prevenção e o alívio do sofrimento através da identificação de situações possíveis de serem tratadas, da avaliação cuidadosa da dor e que além dos sintomas físicos, cuida do indivíduo de maneira social, psicológica e espiritual (BRASIL, 2018).

A Associação Brasileira de Cuidados Paliativos (ABCP), foi fundada no ano de 1997, na cidade de São Paulo. Com o objetivo primordial de oferecer espaço para a criação de diretrizes para a implantação da filosofia hospice no Brasil consideradas as divergências socioculturais do país. Ela promoveu eventos, cursos de capacitação e também parcerias com outros grupos afins como as Sociedades Brasileiras de Cancerologia e de Oncologia Clínica (PAULA, 2011). Contudo, com a fundação da Academia Nacional de Cuidados Paliativos (ANCP), em 2005, os CP no Brasil deram um salto institucional enorme. Com a ANCP, ampliou-se a regularização profissional do paliativista brasileiro, determinou-se critérios de qualidade para os serviços de AP, efetivou-se definições precisas do que é e o que não é CP e conduziu-se a discussão para o Ministério da Saúde, Ministério da Educação, Conselho Federal de Medicina – CFM e Associação Médica Brasileira –









profissionais ao longo do aprendizado. Por abrangerem aspectos que não se delimitam à capacitação técnica do enfermeiro (FONSECA, 2013).

Com isso, salienta-se o aprendizado focado nas questões de finitude da vida e na importância das relações associadas ao trabalho em equipe multiprofissional. Incluindo-se nisto, a estimulação por parte dos responsáveis e também pelos integrantes das equipes multiprofissionais o incentivo à elaboração e também participação em congressos, capacitações, palestras e especialização em AP com a finalidade de proporcionar não apenas à equipe, mas também ao paciente um cuidado que ofereça conforto e tranquilidade ao doente e a sua família (FONSECA, 2013).

Além disso, é importante ressaltar a não disseminação acerca dos CP e do enfermeiro paliativista antes da graduação e também no início desta. Uma vez que é divulgado a enfermagem que salva vidas, que lida com a cura, com a reabilitação. Entretanto, não é mostrado a enfermagem que lida com a morte ou com os cuidados com o paciente até a sua chegada. É importante frisar também que a AP se não tratada na graduação, apenas é tratada na disciplina oncologia sem grandes aprofundamentos, dando a ideia de que todo paciente oncológico é paliativo. Entretanto sabe-se que o paciente paliativo é aquele que tem uma doença incurável que comprometa a continuidade da vida, ou seja o paciente paliativo não é apenas o paciente oncológico.

Entretanto, o despreparo do discente ou do profissional de enfermagem a respeito dos CP pode ser atrelado à deficiência na comunicação. Não apenas relacionado à comunidade acadêmica, mas também o receio em falar sobre o tema por parte da sociedade. Percebe-se que não existe divulgação nos meios de comunicação a respeito da AP ou quais atitudes tomar ou quais órgãos podem auxiliar a família e o doente frente à finitude da vida. Ou seja, existem profissionais, entretanto estes não divulgam ou não se sentem preparados para transmitir esse conhecimento para a população, não existe um diálogo sobre o lidar com a morte ou lidar com a terminalidade da vida.









